

O MANIPULADOR

JOHN GRISHAM

O MANIPULADOR

Tradução de
ANA MENDES LOPES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

ma-ni-pu-la-dor aquele que condiciona, influencia ou domina de forma indevida.

CAPÍTULO 1

Sou advogado e estou na prisão. É uma longa história.

Tenho quarenta e três anos e estou a meio de uma sentença de dez anos, atribuída por um juiz federal fraco e hipócrita em Washington, D.C. Todos os meus recursos percorreram os trâmites habituais e não resta procedimento, mecanismo, estatuto obscuro, detalhe técnico, lacuna, ou Deus que o valha no meu arsenal completamente esgotado. Não tenho nada. Uma vez que conheço a lei, podia fazer o que alguns detidos fazem e entupir os tribunais com pilhas de moções inúteis, recursos e outras manobras de empate, mas nada disto ajudaria a minha causa. A verdade é que não tenho a menor esperança de sair antes de mais cinco anos, com exceção talvez de umas míseras semanas, perdoadas por bom comportamento — e o meu comportamento tem sido exemplar.

Não devia intitular-me advogado, porque tecnicamente não o sou. A Ordem do estado da Virgínia retirou-me a licença pouco tempo depois de ter sido condenado. As palavras estão todas lá, preto no branco: uma condenação equivale à expulsão da Ordem. A minha licença foi-me retirada e os meus problemas disciplinares foram devidamente publicados no *Registo de Advogados da Virgínia*. Naquele mês, fomos três os expulsos da Ordem, o que está mais ou menos dentro da média.

Porém, no meu pequeno mundo, sou conhecido como o advogado da prisão e, como tal, passo várias horas por dia a ajudar os meus companheiros de cárcere com os seus problemas legais. Estudo os seus recursos e moções. Preparo testamentos simples e uma

escritura de vez em quando. Revejo contratos para alguns dos rapazes presos por crimes de colarinho branco. Já processei o governo por causas legítimas, mas nunca por causas que considerasse frívolas. E há muitos divórcios.

Oito meses e seis dias depois de ter começado a cumprir a minha pena, recebi um envelope grosso. Os reclusos anseiam por receber correio, mas eu teria passado bem sem aquela encomenda em particular. Era de um escritório de advogados de Fairfax, Virgínia, que representava a minha mulher que, surpreendentemente, queria o divórcio. No espaço de poucas semanas, Dionne tinha passado de uma mulher que me dava apoio, disposta a ficar comigo para o resto da vida, para uma vítima em fuga que queria acabar desesperadamente com o casamento. Fiquei incrédulo. Li os papéis em absoluto estado de choque, com os joelhos a tremer e os olhos marejados de lágrimas, e quando receei começar a chorar apressei-me a ir para a minha cela em busca de um pouco de privacidade. As lágrimas caíam muitas vezes na prisão, mas sempre escondidas.

Quando saí de casa, Bo tinha seis anos. Era o nosso único filho, mas planeávamos ter mais. As contas são fáceis de fazer, e eu já as fiz vezes sem conta. Terá dezasseis quando eu sair da cadeia, um adolescente já crescido, e eu terei perdido os dez anos mais importantes que um pai e um filho podem ter. Até terem mais ou menos dez anos, os rapazes veneram os pais e acreditam que nada do que estes possam fazer está errado. Treinei Bo no *T-ball* e no futebol infantil, e ele seguia-me como um cachorrinho. Íamos pescar e acampar, e por vezes ia comigo para o escritório ao sábado de manhã, depois de um pequeno-almoço apenas para rapazes. Ele era o meu mundo, e tentar explicar-lhe que ia estar ausente durante tanto tempo despedaçou os corações de ambos. Depois de já estar preso, não permiti que me visitasse. Por muito que o quisesse abraçar, não suportava a ideia de aquele menino ver o pai encarcerado.

É virtualmente impossível lutar contra um divórcio quando se está na cadeia e não se vai de lá sair tão cedo. Os nossos rendimentos, que já não eram volumosos, esgotaram-se depois de dezoito meses de braço de ferro com o governo federal. Tínhamos perdido tudo menos o nosso filho e o compromisso que fizéramos um com o outro. A criança era o nosso porto seguro; o compromisso foi por água

abaixo. Dionne fez algumas promessas bonitas sobre como devia perseverar e aguentar aquele tempo, mas assim que saí de casa a realidade abateu-se sobre ela. Sentia-se sozinha e isolada na nossa pequena cidade. «As pessoas olham para mim e cochicham», escreveu numa das suas primeiras cartas. «Sinto-me tão sozinha», queixou-se noutra. Não demorou muito tempo até que as cartas se tornassem cada vez mais curtas e espaçadas. Assim como as visitas.

Dionne cresceu em Filadélfia e nunca gostou muito da vida na província. Quando um tio lhe ofereceu trabalho, ficou subitamente ansiosa por voltar para casa. Voltara a casar dois anos atrás e Bo, que agora tinha onze anos, estava a ser treinado por outro pai. As últimas vinte cartas que escrevi ao meu filho não tiveram resposta. Tenho a certeza de que ele nunca as viu.

Questiono-me muitas vezes se voltarei a vê-lo. Julgo que farei um esforço por isso, embora vacile muito quanto ao assunto. Como se confronta uma criança que amamos tanto que até dói, mas que não nos reconhece? Nunca mais vamos viver juntos, como pai e filho típicos. Seria justo para Bo que o pai há tanto tempo desaparecido regressasse e insistisse em fazer parte da sua vida?

Tenho demasiado tempo para pensar nisto.

Sou o recluso número 44 861-127 no Campo Prisional Federal perto de Frostburg, no Maryland. Um «campo» é um estabelecimento prisional de baixa segurança para os reclusos como eu que foram considerados não violentos e que cumprem penas de dez anos ou menos. Por motivos que nunca me foram justificados, os primeiros vinte e dois meses de pena, passei-os numa prisão de segurança média perto de Louisville, no Kentucky. No interminável e confuso alfabeto da linguagem burocrática, é conhecido como uma ICF — Instituição de Correção Federal — e era bem diferente do campo em Frostburg. Uma ICF é para homens violentos sentenciados a mais de dez anos de prisão. A vida aí é muito mais dura, embora eu tenha sobrevivido sem ser fisicamente atacado. Ser um antigo Marine ajudou tremendamente.

No que diz respeito a prisões, um campo é uma estância balnear. Não há muros, vedações, arame farpado nem torres de vigia e são poucos os guardas armados. Frostburg é relativamente recente e as instalações são melhores do que muitas escolas secundárias públicas.

E porque não? Nos Estados Unidos, gastamos quarenta mil dólares por ano para encarcerar cada recluso e oito mil para educar cada aluno do secundário. Aqui temos terapeutas, gestores, assistentes sociais, enfermeiras, secretárias, assistentes de várias espécies e dúzias de administradores que teriam de ser bastante pressionados para explicarem como ocupam verdadeiramente as suas oito horas de trabalho diário. Afinal de contas, trata-se do governo federal. O parque de estacionamento dos funcionários junto à porta de entrada está cheio de bons carros.

Em Frostburg há seiscentos reclusos e, com algumas exceções, somos todos homens bem-comportados. Aqueles que têm passados violentos aprenderam a lição e apreciam o ambiente civilizado. Aqueles que passaram as suas vidas na prisão encontraram finalmente a melhor casa. A maior parte destes rapazes que fazem carreira na prisão não se quer ir embora. Estão completamente institucionalizados e não sabem funcionar no exterior. Uma cama quente, três refeições diárias, seguro de saúde... como poderiam algum dia ter melhor do que isto nas ruas?

Não estou a insinuar que isto é um local agradável. Não é. Há muitos homens como eu que nunca sonharam que um dia cairiam tão baixo. Homens com profissões, carreiras, negócios; homens com bens, boas famílias e inscrições nos clubes de campo. No gangue dos brancos, há o Carl, um optometrista que manipulou demasiado as contas que enviava para a Medicare; Kermit, um especulador imobiliário que empenhou duas e três vezes as mesmas propriedades em vários bancos; Wesley, um antigo senador do estado da Pensilvânia que aceitou um suborno, e Mark, um banqueiro de hipotecas de uma cidade pequena que fazia alguns atalhos nos processos.

Carl, Kermit, Wesley e Mark. Todos brancos, com uma média de idades de cinquenta e um anos. Todos admitem a sua culpa.

E depois estou eu. Malcolm Bannister, negro, quarenta e três anos, condenado por um crime que não sabia que estava a cometer.

Neste momento, em Frostburg, sou o único homem negro a cumprir uma pena por um crime de colarinho branco. Que grande distinção.

No gangue dos negros, a qualidade dos associados não é tão distinta. A maior parte são miúdos das ruas de D.C. e de Baltimore que foram apanhados por crimes relacionados com drogas, e quando receberem a liberdade condicional regressarão às ruas com apenas vinte por cento de probabilidades de evitarem uma nova condenação. Sem educação, competências e com cadastro, como se espera que consigam ter sucesso?

Na verdade, não há gangues num campo federal, nem violência. Se nos envolvermos numa luta ou se ameaçarmos alguém, tiram-nos daqui e enviam-nos para um lugar muito pior. Há muitas discussões, principalmente por causa da televisão, mas ainda estou para ver alguém a dar um murro a outra pessoa. Alguns destes homens cumpriram tempo em prisões estatais e as histórias que contam são horripilantes. Ninguém quer trocar este lugar por outra cadeia.

Por isso, enquanto contamos os dias, portamo-nos bem. Para os tipos de colarinho branco, o castigo é a humilhação e a perda de estatuto, de reputação, do estilo de vida. Para os tipos negros, a vida no campo é mais segura do que o lugar de onde vieram e os lugares para onde irão a seguir. O seu castigo é mais uma mancha no cadastro, mais um passo para se tornarem criminosos de carreira.

Por estes motivos, sinto-me mais branco do que negro.

Há outros dois ex-advogados aqui em Frostburg. Ron Napoli foi um exuberante advogado de direito penal em Filadélfia durante muitos anos, até a cocaína o arruinar. Especializou-se em crimes relacionados com drogas e representou muitos dos principais negociantes e traficantes da região do Médio Atlântico, de Nova Jérquia às Carolinas. Preferia receber os honorários em dinheiro e coca e acabou por perder tudo. As Finanças apanharam-no por evasão fiscal, e está a meio de uma pena de nove anos. Ultimamente, Ron não tem andado muito bem. Parece deprimido e não faz exercício, sob circunstância alguma, nem tenta cuidar de si. Está a ficar mais pesado, mais lento, mais rabugento e cada vez mais doente. Costumava contar histórias fascinantes sobre os seus clientes e as suas aventuras no narcotráfico, mas agora limita-se a ficar sentado no pátio, a comer pacote atrás de pacote de *Fritos*, com um ar perdido. Alguém lhe envia dinheiro e ele gasta quase tudo em comida de plástico.

O terceiro ex-advogado é um tubarão de Washington chamado Amos Kapp, um homem bem posicionado e um especulador manhoso que passou a carreira a esquivar-se de fininho de todos os grandes escândalos políticos. Kapp e eu fomos julgados em conjunto, condenados em conjunto e sentenciados a dez anos de prisão cada um pelo mesmo juiz. Havia oito réus — sete de Washington e eu. Kapp sempre foi culpado de qualquer coisa e era certamente culpado aos olhos dos jurados. Mas Kapp sabia então e sabe agora que nunca tive nada a ver com a conspiração, apenas foi demasiado covarde e desonesto para dizer o que quer que fosse. A violência é estritamente proibida em Frostburg, mas deem-me cinco minutos com Amos Kapp e parto-lhe o pescoço. Ele sabe disso, e desconfio que o disse ao diretor há muito tempo. Mantêm-no no campus oeste, tão longe da minha cela quanto possível.

Dos três advogados, sou o único que está disposto a ajudar os restantes reclusos com os seus problemas legais. Gosto do trabalho. É desafiante e mantém-me ocupado. Também faz com que as minhas capacidades de advogado continuem atualizadas, embora duvide seriamente que o meu futuro venha a passar pela advocacia. Posso voltar a recandidatar-me à Ordem quando sair, mas todo o procedimento pode ser bastante árduo. A verdade é que nunca ganhei dinheiro com a advocacia. Era advogado numa cidade pequena, ainda por cima negro, e eram poucos os clientes que me podiam pagar honorários decentes. Havia dúzias de outros advogados ao longo da Braddock Street, todos a disputarem os mesmos clientes; a competição era dura. Não sei bem o que vou fazer quando isto acabar, mas tenho sérias dúvidas de que algum dia retome a minha carreira jurídica.

Se Deus quiser, terei quarenta e oito anos, serei solteiro e saudável.

Cinco anos são uma eternidade. Todos os dias, dou um grande passeio, sozinho, por um trilho de corrida que passa pela extremidade do campo e segue a fronteira, ou a «linha», como é mais conhecida. Se passarmos para o lado de lá da linha, somos considerados fugitivos. Não obstante ser a localização de uma prisão, trata-se de uma bonita região campestre com vistas espetaculares. Enquanto caminho e admiro as montanhas distantes, luto sempre contra o impulso de

continuar a andar, de pisar a linha. Não há vedações que me detenham, nem guardas que chamem o meu nome. Podia desaparecer na floresta densa e depois desaparecer para sempre.

Quem me dera que existisse um muro, com três metros de altura, feito de tijolos, com espirais de arame farpado a brilhar por cima; um muro que me impedisse de admirar as montanhas e sonhar com a liberdade. Isto é uma prisão, caramba! Não podemos sair daqui. Ergam um muro e deixem de nos tentar.

A tentação está sempre lá e, por muito que tente lutar contra ela, juro que está mais forte a cada dia que passa.

CAPÍTULO 2

Frostburg fica a poucos quilómetros da cidade de Cumberland, Maryland, no meio de uma tira de terra entalada pela Pensilvânia a norte e pela Virgínia Ocidental a oeste e a sul. Olhando para o mapa, torna-se óbvio que aquela parte exilada do Estado foi o resultado de um exame topográfico mal executado e que não devia pertencer de todo ao estado do Maryland, embora também não seja claro quem devia ficar com ela. Trabalho na biblioteca, e na parede por cima da minha pequena secretária há um grande mapa da América. Passo demasiado tempo a olhar para ele, a sonhar acordado, questionando-me como me tornei um prisioneiro federal numa parte remota do longínquo oeste do Maryland.

A noventa e cinco quilómetros daqui, fica a cidade de Winchester, na Virgínia, com uma população de vinte e cinco mil pessoas, o local do meu nascimento, infância, educação, carreira e, por fim, da minha Queda. Dizem-me que pouco mudou desde que me fui embora. A firma de advogados Copeland & Reed continua a funcionar no mesmo escritório de rua onde trabalhei. Fica na Braddock Street, na Cidade Velha, ao lado de um restaurante. O nome, pintado a preto no vidro da janela, costumava ser Copeland, Reed & Bannister, e era a única firma exclusivamente negra num raio de cento e sessenta quilómetros. Pelo que sei, o senhor Copeland e o senhor Reed estão bem, certamente não a prosperar ou a enriquecer, mas a ganhar o suficiente para pagar a duas secretárias e a renda. Era mais ou menos o que fazíamos quando eu era sócio da firma — íamo-nos safando. Na altura da Queda, eu andava com sérias dúvidas sobre como sobreviver numa cidade tão pequena.

Dizem-me que o senhor Copeland e o senhor Reed se recusam a falar sobre mim ou sobre os meus problemas. Escaparam de ser acusados por uma unha negra e a sua reputação também ficou manchada. O procurador do Ministério Público que me apanhou andava a disparar para todos os que estivessem remotamente ligados à sua grandiosa conspiração e quase limpou a firma inteira. O meu crime foi escolher o cliente errado. Os meus dois ex-sócios nunca cometeram um crime. Lamento o que aconteceu em muitos aspetos, mas a difamação do seu bom nome tira-me o sono à noite. Estão ambos com sessenta e muitos anos, e nos seus primeiros tempos como advogados não só tiveram de se esforçar com o desafio de manter uma firma numa cidade pequena, como também travaram algumas das últimas batalhas da era Jim Crow. Por vezes, os juízes ignoravam-nos no tribunal e decidiam contra eles sem motivo legal aparente. Outros advogados eram frequentemente mal-educados e pouco profissionais com eles. A associação local da Ordem não os convidava a juntarem-se a eles. De vez em quando, os funcionários judiciais perdiam os seus processos. Os júris exclusivamente brancos não acreditavam neles. Mas o pior de tudo era que os clientes não os contratavam. Os clientes negros. Nos anos setenta, nenhum cliente branco contratava um advogado negro, pelo menos não no sul, e isso ainda não tinha sofrido grande alteração. Mas a Copeland & Reed quase morreu à nascença, porque as pessoas negras achavam que os advogados brancos eram melhores. O trabalho árduo e a dedicação ao profissionalismo foram mudando esta ideia, embora lentamente.

Winchester não foi a minha primeira escolha como local para cimentar uma carreira. Andei na Faculdade de Direito George Mason, nos subúrbios de D.C., no norte da Virgínia. No verão depois do meu segundo ano, tive sorte e arranjei um lugar de escrivão numa firma gigantesca na Pennsylvania Avenue, perto de Capitol Hill. Era uma daquelas firmas com mil advogados, escritórios em todo o mundo, o nome de antigos senadores no cabeçalho do papel de carta, clientes importantes e um ritmo frenético que adorei. O ponto alto foi fazer de moço de recados no julgamento de um antigo congressista (nosso cliente), acusado de conspirar com o seu irmão criminoso para receberem subornos de um empreiteiro. O julgamento foi um circo e eu estava deliciado por me encontrar tão perto do palco central.

Onze anos depois, entrei na mesma sala de julgamentos no Tribunal E. Barrett Prettyman, na baixa de Washington, e entrei no meu próprio julgamento.

Naquele verão, era um dos dezassete escriturais. Os restantes dezasseis, todos vindos das dez melhores faculdades de direito, receberam ofertas de emprego. Uma vez que tinha colocado todas as minhas esperanças no mesmo local, passei o terceiro ano do curso de Direito a cirandar por D.C., a bater às portas, sem encontrar nenhuma aberta para mim. Devem existir vários milhares de advogados desempregados a percorrer as ruas de D.C., e é fácil perdermo-nos no desespero. Acabei por alargar as minhas fronteiras até aos subúrbios, onde as firmas são muito mais pequenas e os empregos ainda mais raros.

Acabei por regressar a casa, derrotado. Os meus sonhos de fazer parte da gloriosa primeira liga foram arrasados. O senhor Copeland e o senhor Reed não tinham trabalho suficiente e certamente não podiam arcar com a despesa de um novo associado, mas tiveram pena de mim e disponibilizaram-me uma velha sala de arquivo no piso de cima. Trabalhei tão arduamente quanto me foi possível, embora por vezes fosse um desafio fazer muitas horas de trabalho com tão poucos clientes. Demo-nos bastante bem, e cinco anos depois eles adicionaram generosamente o meu nome à sociedade. O meu salário quase não subiu.

Durante a minha acusação, foi doloroso ver o seu bom nome ser arrastado na lama, e era tudo tão desprovido de sentido. Quando estava a ser julgado, o agente principal do FBI informou-me que, se não me declarasse culpado e colaborasse com o procurador, o senhor Copeland e o senhor Reed seriam indiciados. Pensei que ele estava a fazer *bluff*, mas não tinha como saber de certeza. Mande-o para o inferno.

Felizmente, ele estava a fazer *bluff*.

Escrevi-lhes cartas, longas cartas chorosas a pedir desculpa e tudo o mais, mas não recebi resposta. Pedi-lhes que me viessem visitar para podermos falar cara a cara, mas não me responderam. Embora a minha cidade ficasse a menos de cem quilómetros de distância, só tinha uma visita regular.

*

O meu pai foi um dos primeiros soldados de cavalaria negros contratados pela Commonwealth da Virgínia. Henry patrulhou as estradas e autoestradas em redor de Winchester durante trinta anos e adorou cada minuto do seu trabalho. Adorava o trabalho em si, a sensação de autoridade e de história, o poder de fazer cumprir a lei e a compaixão para ajudar aqueles que precisassem. Adorava o uniforme, o carro de patrulha, tudo menos a arma que usava no cinto. De vez em quando, era obrigado a empunhá-la, mas nunca a disparou. Esperava que os brancos ficassem ressentidos contra ele e que os negros quisessem brandura, mas estava determinado a demonstrar um sentido de justiça absoluto. Era um polícia duro que não estava com meias-medidas no que dizia respeito ao cumprimento da lei. Se um ato não era legal, então era certamente ilegal, sem espaços de manobra nem tempo para detalhes técnicos.

A partir do instante em que fui indiciado, o meu pai acreditou que eu era culpado, ou qualquer coisa do género. Esqueçam a presunção da inocência. Esqueçam os meus discursos sobre estar inocente. Enquanto orgulhoso homem de carreira, o meu pai levou uma lavagem cerebral completa durante uma vida inteira a perseguir aqueles que quebravam a lei e, se os agentes federais, com os seus recursos e imensa sabedoria, me achavam digno de uma acusação de cem páginas, então eles estavam certos e eu errado. Tenho a certeza de que senti compaixão e tenho também a certeza de que terá rezado para que eu conseguisse sair daquela confusão, mas teve dificuldade em transmitir-me esses sentimentos. Sentia-se humilhado, e deixou isso bem claro. Como podia o seu filho advogado deixar-se enredar daquela maneira com um bando manhoso de criminosos?

Já me fiz a mesma pergunta um milhão de vezes. Não há uma boa resposta.

Henry Bannister acabou o ensino secundário com dificuldade e, depois de alguns problemas menores com a lei, alistou-se nos Marines com dezanove anos. Os Marines transformaram-no rapidamente num homem, num soldado que ansiava por disciplina e que tinha

grande orgulho no uniforme. Combateu em três campanhas no Vietname, onde foi baleado, queimado e capturado por um breve período de tempo. As suas medalhas estão na parede do escritório da pequena casa onde fui criado. Vive lá sozinho. A minha mãe foi morta por um condutor embriagado, dois anos antes de eu ser acusado.

Henry viaja até Frostburg uma vez por mês para uma visita de uma hora. Está aposentado e não tem muito que fazer, podia visitar-me uma vez por semana se quisesse. Mas não quer.

Há tantas reviravoltas cruéis numa pena de prisão longa. Uma delas é a sensação de que somos lentamente esquecidos pelo mundo e por aqueles que amamos e de que necessitamos. O correio, que nos primeiros meses chegava aos maços, foi diminuindo gradualmente para uma ou duas cartas por semana. Amigos e familiares que antes pareciam ansiosos por me visitarem não aparecem há anos. O meu irmão mais velho, Marcus, vem cá duas vezes por ano para passar uma hora a pôr-me ao corrente dos seus últimos problemas. Tem três filhos adolescentes, todos em vários graus de delinquência juvenil, mais uma mulher maluca. Acho que afinal não tenho problemas nenhuns. Apesar da sua vida caótica, gosto das visitas dele. Marcus passou a vida inteira a imitar Richard Pryor, e cada palavra que lhe sai da boca é engraçada. Normalmente, passamos a hora toda a rir enquanto ele vai descarregando nos filhos. A minha irmã mais nova, Ruby, vive na Costa Oeste e vejo-a uma vez por ano. Escreve-me religiosamente uma carta por semana e eu recebo-as com grande carinho. Tenho um primo distante que cumpriu uma pena de sete anos por assalto à mão armada — fui eu o advogado de defesa — e que vem visitar-me duas vezes por ano, porque também o visitei quando estive preso.

Depois de três anos aqui, passo frequentemente meses sem ter uma visita, à exceção do meu pai. A Direção Prisional tenta colocar os reclusos num raio de oitocentos quilómetros de casa. Tenho sorte por Winchester ser tão perto, mas é a mesma coisa se estivesse a mil e quinhentos quilómetros de distância. Tenho vários amigos de infância que nunca fizeram a viagem até aqui e outros dos quais não

tenho notícias há dois anos. A maior parte dos meus antigos amigos advogados são pessoas demasiado ocupadas. O meu parceiro de corrida da universidade escreve-me mês sim, mês não, mas não consegue encaixar uma visita nos seus hábitos. Vive em Washington, a cerca de duzentos e cinquenta quilómetros para leste, onde diz que trabalha sete dias por semana numa grande firma de advogados. O meu melhor amigo dos Marines vive em Pittsburgh, a duas horas de distância, e veio a Frostburg exatamente uma vez.

Acho que devia ficar grato por o meu pai fazer o esforço.

Como sempre, está sentado na pequena sala de visitas, com um saco de papel pardo à sua frente, em cima da mesa. Devem ser bolachas ou bolo de chocolate da minha tia Racine, a sua irmã. Cumprimos-nos com um aperto de mão, mas não nos abraçamos — Henry Bannister nunca abraçou outro homem em toda a sua vida. Observa-me de alto a baixo para se certificar de que não ganhei peso e, como sempre, interroga-me sobre a minha rotina diária. Em quarenta anos, não ganhou meio quilo que fosse e ainda consegue vestir o uniforme dos Marines. Está convencido de que comer menos significa viver mais, e Henry tem medo de morrer novo. O pai e o avô caíram para o lado quando tinham cinquenta e tal anos. Por isso, caminha oito quilómetros por dia e acha que eu devia começar a fazer o mesmo. Já aceitei o facto de que ele nunca vai deixar de me dizer como devo viver a minha vida, encarcerado ou não.

Deu uma pancadinha no saco de papel e disse:

— A Racine manda-te isto.

— Diga-lhe, por favor, que agradeço — respondi.

Se ele está assim tão preocupado com o meu perímetro abdominal, por que motivo me traz um saco de sobremesas calóricas de cada vez que me visita? Eu como duas ou três e depois ofereço o resto.

— Tens falado com o Marcus ultimamente? — perguntou.

— Não, pelo menos não no último mês. Porquê?

— Porque há um grande problema. O Delmon engravidou a namorada. Ele tem quinze anos, a rapariga catorze.

Abanou a cabeça enquanto franzia o sobrolho. Delmon com dez anos já era um fora da lei, e a família sempre esperou que ele levasse uma vida de criminoso.